

**Revista de Literatura,  
História e Memória**

Dossiê Confluências entre  
Literatura, Cultura e Outros  
Campos do Saber

ISSN 1983-1498

VOL. 14 - Nº 23 - 2018

UNIOESTE / CASCAVEL

P. 85-105

# LITERATURA E REGIÃO CULTURAL EM CONTEXTO DE FRONTEIRA

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Procurando dar voz e perscrutando a identidade de textos e autores em uma região específica, o trabalho se volta para a literatura e práticas culturais que, hoje, renovam os fluxos de propostas estéticas na fronteira do Brasil com países do Cone Sul, particularmente a da região de fronteira entre Brasil e Paraguai. Escritores como Brígido Ibanhes (de Bela Vista, cidade-gêmea dividida pelo Rio Apa), Hernâni Donato, Douglas Diegues, entre outros, não só produziram obras das mais representativas desse *locus* de enunciação, como também realizaram um registro poético centrado em relatos desta região de fronteira, chamando a atenção para a temática do “parque dos ervais”, e que de modo provocativo problematizaram a natureza de suas narrativas, as quais convidam à discussão das relações entre literatura e história, particularmente na leitura modalizada pela “ficção histórica”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fronteiras; Textualidades Regionais; Pesquisa.

**ABSTRACT:** Trying to give voice and analyzing the identity of texts and authors in a specific region, this work focuses on the literature and cultural practices that, today, renew the aesthetic proposals that flows on the Brazilian border with countries of the Southern Cone, particularly, the ones between the borders of Brazil and Paraguay. Writers such as Brígido Ibanhes (from Bela Vista, a twin city divided by the Apa River), Hernâni Donato, Douglas Diegues, among others, not only produced representative works of this locus of enunciation, but also performed a poetic record centered on reports from this borders, calling attention to the theme of the “park of the herbs”, and that in a provocative way, they problematized the nature of its narratives, which provided the discussion of the relations between literature and history, particularly in the modalized reading by the “historical fiction”.

**KEYWORDS:** Borders; Regional Textualities; Search.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de fatores específicos porém interdependentes: ele traz ressonâncias de outros trabalhos que, evidentemente, tomaram como análises focos pontuais do que aqui se expande em diferentes orientações, particularmente pela leitura renovada e uma abordagem teórico-crítica que se desenvolve em decorrência do contato com publicações mais recentes, que não só ampliaram nossa

percepção das relações entre literatura e história hoje, como também deslocaram o ponto de vista e lugar sobre os quais nosso objeto tinha se estabelecido pelas abordagens e trabalhos já realizados. Assim, desde a nossa própria leitura e convivência através de pesquisas sobre a temática da erva-mate, da literatura regionalista sul-mato-grossense e de fronteira, já delineada em nosso projeto de pesquisa institucional, “Regionalismos culturais: contatos e relações entre literaturas de fronteiras”, ainda são bem recentes os trabalhos que tivemos a satisfação de orientar em pós-graduação, e que merecem ser lembrados em função da especificidade dos títulos e da originalidade de cada um deles: refiro-me à dissertação do prof. Josué Oliveira Junior e à do prof. Avelino Soares Junior, respectivamente<sup>2</sup>

Já meu livro, *Fronteiras do local: roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense* (2008), registra dois capítulos que servem, hoje, como ponto de partida para esta exposição: “Hernâni Donato: o trágico relato dos ervais” e “Brígido Ibanhes: o relato do bandoleiro Silvino Jacques”, sendo que, em ambos estamos propondo recortes diferenciados, e neste último, em particular, já vem nuancado em sua natureza de texto fronteiro, periférico, resistente à sua captura em gênero e conteúdo híbridos, convolado entre fato e ficção, margens e marginais em situação transfronteiriças, ainda sobretudo pela sua apropriação do folheto apócrifo, “Décimas Gaúchas”, atribuído ao bandoleiro Silvino Jacques, da fronteira Brasil-Paraguai, sobre os quais, folheto/crônica e personagem, o escritor Ibanhes constrói o enredo de *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros* (Cf. SANTOS, 2008, p. 59-73).

A partir daí, passamos a uma exposição que, como se verá, baseia-se em outras leituras com o objetivo de escrutinar a natureza dos textos de Donato e de Ibanhes com fulcro na confluência de literaturas de fronteiras e tendo por base elementos e posições diversas na abordagem das duas obras, procurando, ao final, demonstrar uma exploração mais produtiva tanto para as obras como para o lugar de enunciação de ambos os escritores.

## REGIONALISMO E FICÇÃO HISTÓRICA NA FICÇÃO SUL-MATO-GROSSENSE

Procurando dar voz e perscrutando a identidade de textos e autores em uma região específica, o trabalho se volta para a literatura e práticas culturais que, hoje, renovam os fluxos de propostas estéticas na fronteira do Brasil com países do Cone Sul, particularmente a da região de fronteira entre Brasil e Paraguai. Escritores como Brígido Ibanhes (de Bela Vista, cidade-gêmea dividida pelo Rio Apa), Hernâni Donato, Douglas Diegues, entre outros, não só produziram obras das mais

representativas desse *locus* de enunciação, como também realizaram um registro poético centrado em relatos desta região de fronteira, chamando a atenção para a temática do “parque dos ervais”, e que de modo provocativo problematizaram a natureza de suas narrativas, as quais convidam à discussão das relações entre literatura e história, particularmente na leitura modalizada pela “ficção histórica”.

A tomada de consciência sobre o caráter heterogêneo e plurilinguístico das Literaturas Nacionais Latino-Americanas, num espaço de transterritorialidade, incorpora-se ao discurso crítico no subcontinente constituindo contexto próprio cuja articulação já é de amplo conhecimento. Desse ângulo, a verificação de outras (novas) textualidades também resulta em robustecida produção cultural, que a um só tempo se revela como constructo peculiar e que ainda reclama pela sua ampliação, inclusive pelas investidas ao cânone e repertório derivados dos processos da colonização. Sob tais perspectivas, propomos a análise de aspectos inerentes às literaturas de (em) fronteiras, ou nas fronteiras de gêneros poéticos, ou sobretudo enquanto “textos fronteiriços”, que assumem suas enunciações a partir de um lugar de poéticas periféricas. Ou seja, dito de outro modo: o que se problematiza, portanto, diz respeito à reflexão sobre Literatura Comparada Latino-Americana como um espaço de transterritorialidade e plurilinguístico. Assim, é proveitosa a leitura do texto “O destino da América Latina”, de 1922, em que Tasso da Silveira já evocava como ofício dos estudos comparados “fazer falar os silêncios, recuperar o marginalizado, o esquecido, o intencionalmente ocultado”, como nos adverte a crítica literária mais recente, segundo o texto de Tania Carvalho (1996): aliás, neste texto, Carvalho explora os sentidos originários e de fundação no argumento de Silveira, e recupera fazendo ressoar uma preocupação constante com a impressão de identidades e busca das origens da ficção e história, resgate do passado pelo viés do presente, sobretudo enfim, da associação estabelecida entre memória e ficção (CARVALHAL, 1996, p. 207). Retomaremos esta linha de reflexão em sintonia com a discussão acerca da “ficção histórica”.

Daí que, ilustrativamente, constituindo um fato histórico muito instigante para a nossa temática e abordagem, deparamos com a recém-publicação do “Volume 3 / Sertões brasileiros II”, em continuidade à coleção *Atlas das representações literárias das regiões brasileiras* (2016) edição do IBGE<sup>3</sup>, que nos apraz mencionar destacando deste Volume, dedicado ao Centro-Oeste, não só a formidável densidade da pesquisa, mas sublinhando os seguintes aspectos, dentre outros: já na “Introdução” ao Volume anota-se que, no Brasil, desde a colonização portuguesa deu-se o surgimento de regiões que se manifestaram dentre outras formas através das produções literárias, “por vezes romances”. A partir daí, continua-se lendo um texto em exposição

que se contrapõe ilustrativamente a inúmeros desenhos de mapas, bosquejos de rotas e travessias que configuram o todo da edição deste *Atlas*, particularmente no quarto capítulo intitulado “Ervais Mato-Grossenses”, e, bem como, a linha mestra da narrativa que passa a se configurar sobre a instigante pergunta que, segundo nosso interesse, abre provocativamente o texto de “Apresentação”: “Qual a ideia por trás de um casamento da História com a Geografia, realizada no altar da Literatura?” A pergunta bem podia vir em itálico e separada, uma vez que sua relevância em produção de sentidos acolhe e oferece sendas para a nossa investigação. Para nós, a pergunta é instigante desde a “Apresentação” deste “Volume 3 /Sertões Brasileiros”, principalmente por chamar à verificação, ao longo de todo o Volume, o objeto literário “romance” como fulcro da interseção entre o homem, a terra, e a cultura regional. E desde logo, autores e obras como o nosso Hernâni Donato, de *Selva Trágica*, e o nosso Brígido Ibanhes, de *Silvino Jacques: o ultimo dos bandoleiros*, ganharem amplo registro amalgamando a matéria deste *Atlas*, e ambos figurando de forma inaugural em um tratado, um compêndio de representativa expressão editorial, fertilizando e compondo um discurso sobre “região” e “regiões literárias” dentro de uma obra que, originariamente, põe em tela para todo o território nacional – contraface da literatura nacional – obras e autores e temáticas até hoje só restritamente abordados nos estudos literários, de pesquisadores, geralmente em trabalhos de pós-graduação.

Dito isto, propomos retomar os sentidos latentes na interrogação acima – “Qual a ideia por trás de um casamento da História com a Geografia, realizada no altar da Literatura?” –, seguindo uma perspectiva teórica que, a nosso ver, resulta tanto em avanço como em produtividade de leitura dos romances mencionados de Donato e Ibanhes, pela intenção de, assim conduzindo a reflexão, realmente alcançarmos os aspectos de valoração e singularidade, seja do gesto criador de Donato ou de Ibanhes, através da leitura e abordagem da obra propriamente dita do primeiro, por um lado, e também pela justaposição e enunciação de lugar de ambas as obras e seus autores bem como seu lugar de pertencimento, por outro lado. Ou, dito de outro modo, em relação a este último aspecto, acreditamos que a forte caracterização e vetorização na intenção de descrever a (auto)biografia e obra do escritor constitui, por si só, um dado constatativo, emblemático, acerca da natureza e funcionalidade de seus textos, de seu lugar de enunciação e do que seu vate poético “per se” realiza em representação literária, aí retomando a ideia do título subscrito ao volume do IBGE, já mencionado: “Representações Literárias de Regiões Brasileiras”. Com esse propósito, e conformando o esquadro do capítulo quatro, subintitulado “Os Ervais Mato-Grossenses na Literatura”, o referido volume explora fortes correlações entre dois mapas (Mapa 7 e Mapa 8), nos quais se desenham

linhas e traçados e cores pontilhadas, com o primeiro Mapa circunscrito pela definição dos Ervais Mato-Grossenses como sendo de ervais nativos, e o segundo Mapa ilustrativo da delimitação de uma “região” específica, a que, para além dos processos que delimitaram a região vão muito além da ocorrência da erva-mate no território. Fazendo finca-pé na ocorrência transterritorial, esta edição do volume enaltece a ligação entre geografia e literatura, enfatizando o fato de que todo o ocorrido nos Ervais Mato-Grossenses se refletiram em produções literárias. Se essa região dos Ervais localiza-se, *grosso modo*, no sul do Estado de Mato Grosso do Sul, à fronteira com o Paraguai, entretanto seu caráter eminentemente fronteiriço da região “autoriza a representação de uma zona tênue de transição em suas extensões meridionais, abarcando territórios paraguaios [...], bem como a inserção de uma pequena área do extremo oeste paranaense” (IBGE, p. 76), grande área que hoje abrange cidades como Dourados e diversos núcleos urbanos fronteiriços como Porto Murtinho, Bela Vista e Ponta Porã, sinalizando tão somente a parte desta região fronteiriça, a qual vale mencionar a recente criação e fortalecimento dessa região através de suas cidades-gêmeas. Aliás, o conceito e critérios de criação dessas cidades têm profundo alcance e representativa força para a região como um todo e só recentemente assim obtiveram suas atribuições.<sup>4</sup>

Com efeito, a região dos Ervais Mato-Grossenses fomentou a consolidação de práticas culturais bem singulares, que se expressam tanto na linguagem regional como na literatura. Isto particularmente devido à convivência fronteiriça de diferentes grupos migratórios, que integraram à linguagem comum hibridismos entre as línguas portuguesa, castelhana e guarani, o que se constata largamente nos romances que ilustram embasando o capítulo dos Ervais (*Selva trágica*, de Hernâni Donato, e *Silvino Jacques*, de Brígido Ibanhes). Caracterizando o enredo da obra de Donato, “percebe-se um intenso uso de expressões castelhanas e guaranis na linguagem comum, bem como a presença de indígenas de nacionalidade indefinida e traços culturais específicos da região, como o preparo do tereré – bebida fria feita com erva-mate”. Já em relação ao romance de Ibanhes, também são numerosas as características regionais, prenunciadas pelo banditismo na região, em atividades como mortes por aluguel, roubos, extorsões, golpes, etc., tornando-se o bandoleiro mais famoso do sul do estado: “Em primeiro lugar destaca-se a própria condição de Silvino como migrante gaúcho e de diversas outras personagens como migrantes tanto do sul como de outros estados ou do Paraguai. As andanças de Silvino e seu bando e os contatos que mantém em diversas localidades mostram a intensa movimentação transfronteiriça na região, inclusive com a presença de brasileiros morando no Paraguai.” (IBGE, p. 81). Uma citação do romance de Ibanhes é ilustrativa do enredo como um todo:

Entrava o ano de 1938. Patrulhas saíam dos quartéis no sul do Mato Grosso, principalmente de Campo Grande, mas não conseguiam acabar com os bandidos, que por onde passavam roubavam, estupravam e aterrorizavam as pessoas. Perdeu-se a hospitalidade, pois cada estranho representava um perigo. As crianças eram instruídas a não conversar com estranhos e os adultos, evitavam andar pelos campos e lugares ermos. (IBANHES, 2012, p. 203, *apud* IBGE, p. 84).

Também representativas são duas pungentes passagens do romance de Donato, procurando aferir a ambiência daquele enredo de *Selva trágica*:

Durante o forte da safra ninguém dispunha de meio dia para descanso. Nem domingo, nem feriado, nem dia santificado. Só o que tinha era trabalho. Levantar às três, comer às pressas comida da véspera, correr à mina, cortar, sapear ao fogo das tataguas, depinicar, acomodar o raído, lombar vinte arrobas da erva por quilometro de trilhas perigosas, pesar e, se houvesse luz no céu e força nos braços, recomeçar... Isso era o trabalho de todo o dia! A rigor não viviam em pé, e sim curvados. Mas na Semana Santa...! Aha! A Semana Santa! Tudo ao contrário – só o que não se fazia era trabalhar. (DONATO, 2011, p. 168, *apud* IBGE, p. 83)

O dia do mineiro, peão cortador de erva, começava no meio da noite, às três e trinta. A mata, os bichos, os caminhos, as aves dormem ainda e o mineiro estremunha. Cansado da véspera e das muitas vésperas. Prepara o tereré, enrola nos pés e nas pernas a plantilla, bebe tereré, calça as botas de couro, bebe tereré, come bocados de comida sobrada da tarde anterior, bebe tereré e mergulha no caatin. Caminha tonto de sono, agoniado e sombrio. Enquanto a noite se desmancha no dia ainda distante, essa tristeza escorre pelos caminhos, remansa no largo central da vaqueria e de novo se espalha e flui pelos tape-hacienda e destes aos tapepoí, trilhas furadas no mato até a mina – a ilha da erva-mate no mar verde da selva. (DONATO, 1959, p. 16).

\* \* \*

Necessário um intercurso, ainda um adendo, ao que vimos trazendo em exposição e ao que se proporá mais adiante, tendo em vista a retomada em análise de aspectos mais densos e produtivos acerca da especificidade poética das obras de Donato e de Ibanhes<sup>5</sup>: o caráter de ficção histórica enquanto matriz operadora de tais processos criativos ganha relevo nos relatos do *corpus*, e poderia ser auferida em diversos textos de nosso regionalismo de fronteira. Segundo esta vertente, da ficção histórica, certos textos caracterizariam modalização específica da relação entre ficção

e história, numa prática da literatura comparada que lê nos escritores regionalistas uma vocação ao relato mimético que demandam operações intrincadas de interdisciplinaridade e sobretudo de intertextualidades ou de “outros palimpsestos”, e que resultam num vigoroso poder de interpretação através da “ressignificação” – , que seria a palavra de ordem nessas produções (Cf. WEINHARDT, 2011a, p. 35)<sup>6</sup>. Segundo a estudiosa, ressaltar a função da intertextualidade na ficção histórica (com atribuição destacada, superlativa), além de remarcar o fato de que criar em literatura é estabelecer diálogos entre textos, isto deve evidenciar que, no caso da ficção narrativa caracterizada como “ficção histórica”, o caráter intertextual é “específico, definindo a condição do adjetivo”. Ou seja, a narrativa de ficção histórica provém de uma camada de palimpsesto, comportando “textos históricos”, quando não os próprios documentos.<sup>7</sup>

Logo, retrazendo a trajetória comparatista Weinhardt, ao investigar as relações entre narrativa literária e textos históricos, essa vertente de produção inaugura um processo crítico que a própria pesquisadora denomina de “ficção-crítica”, apesar das já estabelecidas “metaficção historiográfica” e “romance histórico”: daí interessar na reflexão da ensaísta o destaque ao regionalismo, uma vez que o poliedro da ficção histórica confrontaria com os discursos regionalistas, isto é, regionalismo entendido desde o reivindicatório até a defesa da tradição, “passando pelo folclórico e pela disputa hegemônica” (WEINHARDT, 2004, p. 44). Decorre que, desse ângulo, o processo “seletivo” com o qual a lembrança evoca e elabora o fato ficcional, segundo o prisma de “ ‘selecionar’ significa omitir, alterar, acrescentar.” (Op. cit., p. 31); portanto, o relato histórico é visto como um amálgama de passado e memória atravessados pela imaginação – este terceiro elemento constituiria da peculiar natureza palimpséstica da ficção histórica. E, logo, assim ao responder à pergunta “O que, por que e como lembrar?”, Weinhardt explicita a função produtiva tanto dos textos sob a égide da ficção histórica, quanto a do papel e intervenção do Autor/Escritor, bem como a do leitor – todos os elementos implicados, note bem:

A concepção de tempo própria a cada época, a cada coletividade, determina os processos de seleção, encadeamento e valoração dos fatos identificados (ou não) como históricos. A seletividade da lembrança é ilustrada pelo modo de funcionamento da memória individual [aqui a autora cita complementando o raciocínio]: ‘Não nos lembramos de um acontecimento passado – quer o procuremos conscientemente na memória, quer nos lembremos espontaneamente dele – abrindo nosso caminho do presente até o passado. A memória salta instantaneamente para o ponto desejado e então estabelece a data por associação.’ (WEINHARDT, 2004, p. 29- 30).

E também, assim, ao pontuar complementando sua reflexão, ainda enfatiza a ensaísta que:

Se, por um lado, a existência de registros documentais é significativa dos modos de compreensão da época, de outro, a maneira de resgatá-los e o aproveitamento ficcional dizem sobre a época do escritor e dos leitores, suas procuras e inquietações, tanto no plano individual como no coletivo. (WEINHARDT, 2004, p. 30).

Logo, não é descuidado repisar que a leitura e interpretação de tais narrativas derivam “da perspectiva da relação da lembrança”, que exerce sua provocação (após esse todo intertextual), diretamente sobre o jogo da ficção, para o qual, nesse jogo nada é gratuito ou casual, inclusive seus silêncios, diferenças, repetições... Enfim, o encontro da ficção histórica com o regionalismo atenderia ao afã (desejoso) do desejo de repetições frequentes, assim como no refrão: “a frase suplicante ‘conta de novo!’ indica que a história é *importante* para nós”. (HELLER *apud* WEINHARDT, 2004, p. 30). A propósito dessas observações teórico-críticas, talvez o mais relevante de tudo seja lembrar um rol de títulos que parecem responder ao estofo de nossa literatura sul-mato-grossense. Dentre várias delas, procedi uma seleção para registrar aquelas sobre as quais me debrucei em leitura, constatando uma enunciação voltada para o que eu chamaria de *ethos* da fronteira e da cultura de nosso Estado; opero portanto um recorte em função das obras e em função das reflexões que venho formulando. Assim, parecem insuspeitadas, a meu ver: *Selva trágica: a gestava ervateira no sulestematogrossense*, de Hernâni Donato, publicada em 1959; *Chão bruto: tensão, ritmo e imagem*, de Hernâni Donato, publicada em 1956; *A poeira da jornada*, de Demosthenes Martins, publicada em 1980; *Silvino Jacques: O último dos bandoleiros*, de Brígido Ibanhes, publicada em 2007, e *Chão do Apa: contos e memórias da fronteira*, de 2010; *Sismório: O gringo bochinheiro e bandido*, publicada em 1991, *Ronda do entardecer*, de 1995, *Contos crioulos*, de 1998, esses três de Hélio Serejo. Enfim, há que se sublinhar, no cotejamento dessas obras que, em sua grande maioria, elas configuram um universo de discurso da ficção histórica, além de seu conteúdo mostrar uma frequentação do gênero crônica, e assim dificilmente serem caracterizadas como romance. O que repercute de forma exemplar nos textos de Hélio Serejo, que, muitas vezes, assemelhando-se a um miniconto, no geral têm a natureza de crônica ou exploram um conteúdo cronístico. Neste caso pode ser ilustrativo o já citado *Sismório: O gringo bochinheiro e bandido*, no qual Serejo “reconta” o relato já transcrito de um outro autor, o historiador Astúrio Monteiro de Lima, em crônica intitulada “Deslealdade cavalheiresca”, do livro *Mato Grosso de outros tempos*. Neste aspecto se constata, por exemplo, o hibridismo textual

(intertextualidade), pois que aquilo que o leitor lê é o resultado de títulos, obras, que encenam a própria história da literatura, ficcionalizando os escritores e suas criações (a intertextualidade assume aqui um caráter diferenciado): ressalta-se o par criativo entre história e crítica literária, ou nos próprios textos de criação –, uma vez que se trata de obras de reescritura, de ressignificação, ou seja, um palimpsesto (intertextualidade) onde alternam-se textos históricos, textos de história e crítica literárias e textos de criação.<sup>8</sup>

## CONSTITUIÇÃO DE OBJETOS E VERTENTES DE INVESTIGAÇÃO

### I

“Mas se o hábito da rotulagem faz a gente insistir na tentativa de situar o livro dentro de um gênero – pois que então fique como romance; será romance este livro tumultuoso de onde escorre sangue e escorrem lágrimas, e há sol tirando fogo das pedras, e luz que encandeia, e um humor feroz e uma ainda mais feroz e desabrida aceitação da fatalidade. *Contudo, também poderia ele ser uma Crônica – no sentido de que relata casos supostamente históricos, guerras e armadilhas e elevação e trucidamento de reis, rainhas e princesas. Mas também é profecia e doutrinação, também é romance de cavalaria [...]*” (QUEIROZ, *apud* SUASSUNA, s/d, p. 5) (Grifos nossos).

Retomando a obra de Donato, *Selva trágica* é a radicalização do exemplo da prática da intertextualidade e, *grosso modo*, da encenação da paratextualidade: tanto a epígrafe de abertura, à guisa de “portal”, do livro *Selva trágica*, como em particular a epígrafe de duas páginas que vão abrir a narrativa são evocadoras de outros títulos, que devem ocupar a atenção do leitor atento. Vejamos: a “epígrafe” que ora lemos, anteposta em folha não numerada, abre para a leitura do prólogo da narrativa, o qual é constituído por várias epígrafes, ocupando o espaço das páginas 7 (sete) e 8 (oito), iniciando este prólogo com a seguinte epígrafe do Autor: “A SELVA DE QUE TRATAMOS NESTE LIVRO ERA DE FATO TRÁGICA: “ [sic]<sup>9</sup>

Assim em destaque, a frase de abertura da epígrafe como um todo será complementada através da citação, que duas linhas abaixo completam o esquadro da citação propriamente dita, assim: “... éramos simples bugres, pelados, no meio dos ervais, que têm de pedir facão, sal, fósforos, algumas roupas, farinha e charque, para poder trepar na erva, podá-la e fazer erva.” (“o Drama do Mate”, Antônio Bacilla, pág. 34.)” [sic]

Porém, retomando ainda a leitura da epígrafe/portal, na página anterior

não numerada, há que se destacar seu poder de sugestão e leitura de grande persuasão, quando se refere à presença da erva-mate, da terra, do tempo, do sonho como elementos de transposição textual, produtivo paratexto de toda a obra, como se lê em trecho do texto a seguir: “[...]. *Bem por isso o personagem principal é a erva. E personagens secundários são a terra, o tempo, o sonho. Depois é que aparecem os humanos, falando aquela ‘língua errada do povo / Língua certa do povo / Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil’ (M. B.). Contada a história com a tranqüilidade assegurada por São Bernardo: ‘Mais vale escandalizar do que sonegar a verdade.’*”<sup>10</sup>. Como se lê, ou, como se diz no proverbial adágio, “um pingo é uma letra”, ou seja, o que mais se precisa dizer após esse trecho da epígrafe? Quase nada mais podia ser dito depois da imensa produtividade de sentidos da passagem acima, que lemos na epígrafe: ela anuncia, por assim dizer, todo o imenso contexto e o universo de discurso que se dá a ler no transcurso de uma narrativa que se mostra como “trágica”, resultante de uma fatalidade, fruto de um mundo abandonado, onde os humanos são entregues à sua própria sorte e destino. Ou, ainda: a epígrafe tem o condão, dentre outros aspectos, de situar por ordem de precedência a (i) erva-mate, (ii) a terra, (iii) o tempo, (iv) o sonho... e por último (v) os humanos. Nesta ordem de precedência inclui-se o drama dos humanos, também bem representados pelo poeta paraguaio marginal Rafael Barrett que aparece, a seguir, às folhas do prólogo. A mesma epígrafe alardeia, como em palavras do oráculo, o vaticínio do drama que se anuncia: “Mais vale escandalizar do que sonegar a verdade”.

De toda a sua produtividade de sentidos, a epígrafe em análise alude a uma certa personagem denominada Ênio “Gato Preto” Martins: trata-se, segundo ela, de um dos “informantes” que revelaram os segredos do mundo do mate ao autor-narrador, e que, como sabemos, tendo o conhecimento da narração, trata-se de uma personagem que aparece à página 114 (cento e catorze) da narrativa, caracterizada como “Quem manda lá é um certo Ênio Gato Preto, vindo do Rio Brillhante.” (DONATO, 2011, p. 114). É de se observar, contudo, que, apesar da citação da personagem e da sua localização geográfica, resta a inquietação do leitor sobre a existência de Ênio Gato Preto, e de sua real representação no entrecho e contexto da fábula: teria realmente existido tal personagem com esta função de protagonista, ou, a decorrer dos princípios da epígrafe, ela teria sido evocada com o propósito de garantir verossimilhança à narrativa do Autor?

Em consequência, retomemos a leitura das páginas 7 (sete) e 8 (oito) indicadas (à guisa de prólogo), trágica e pungentemente constituídas de um enxerto da epígrafe extraída de (i) *O Drama do Mate*, de Antônio Bacilla<sup>11</sup>, seguida da epígrafe dos outros fragmentos da (ii) “Carta de Hernandarias ao rei da Espanha”<sup>12</sup>, da epígrafe

de mais (iii) dois depoimentos orais de trabalhadores dos ervais, coletados pelo próprio Hernâni Donato<sup>13</sup>, além de uma ilustrativa e emblemática epígrafe ou trecho de (iv) "Depoimento de Rafael Barrett"<sup>14</sup>, representativo nome da poesia paraguaia, envolvido em triste e trágica história de vida e luta pelas causas dos trabalhadores espoliados e sofridos.

Leiamos agora, em cotejo e em reverso, a última edição de *Selva Trágica*, de 2011, que volta a retomar uma outra citação em epígrafe, em condição inicial, abrindo a primeira edição, sem autoria (assinatura), às vezes ausente noutras edições<sup>15</sup>, que anuncia em letras maiúsculas, como se em folha de rosto, a obra que o leitor tem em mãos, assim:

A TERRA, O TEMPO, O SONHO...  
E SERES HUMANOS MERGULHADOS  
NA TRAGÉDIA DE UMA  
SOBREVIVÊNCIA ABSURDA... [sic]<sup>16</sup>

De resto, em relação aos aspectos considerados, *Selva trágica* não desobrigaria o leitor da recomposição e devido aferimento acerca da natureza de sua confecção artística, seja para uma melhor compreensão dos efeitos poéticos e da arquitetura textual, seja, por isso mesmo, para a sua melhor recepção enquanto objeto que explora e é resultando da contraface entre narrativa factual *versus* narrativa ficcional. O que assim conduziria o leitor, em seu esforço de compreensão e explicação da narrativa, ao enfrentamento dos aspectos já aludidos acerca da "ficção histórica".

## II

Na atualidade, a relevância do escritor Brígido Ibanhes, da fronteira Brasil-Paraguai, e sua ampla obra literária constituem presença viva em um painel corroborado tanto pelo fato como pelo texto literários: diversificada produção artístico-literária e robustecida qualidade estética, cujo perfil do escritor dá "testemunho" incontestável de um hibridismo que entrelaça autor/vida *vs.* obra *vs.* chão cultural *vs.* pertencimento. Tanto é assim que, em ilustrativo relato de *Chão do Apa – Contos e Memórias da Fronteira*, livro mais recente, que reúne vários textos de natureza contística do autor, "*Che retã*" emblemática tanto a coletânea de contos como um todo, na medida em que se deixa traduzir, em guarani, por "minha terra, minha aldeia" / *che retã*, como também, e principalmente, ao indicar motivos de "pertencimento", seja do escritor, seja dos sujeitos de suas narrativas. Assim, o próprio nome do escritor entranha-se à sua história de vida e à da sua terra natal, a cidade de Bela Vista, MS, que integra a

macrorregião de “Bonito/Serra da Bodoquena”, e compõe o trecho da narração do livro *Chão do Apa*, que, já desde esse título e seu subtítulo, *Contos e Memórias da Fronteira*, orientam um percurso de leitura que atravessa pelas regiões fronteiriças, incluindo a República do Paraguai e a Bolívia, e, caracterizando não só o fato de se tratar do relato de experiências (linguísticas e culturais) que cicatrizam a escrita de um narrador, pleno de memórias e reminiscências, ainda mais acentuadas pelo pertencimento autoral, uma vez que Brígido Ibanhes se identifica como indivíduo natural do local, bela-vistense, portanto fronteiriço de nascimento e pertencimento. Isto amalgamando um processo de interculturalidade, línguas e zonas de contato, que o leitor acaba depreendendo ao final da leitura do livro propriamente dito. Vejamos parte significativa do conto “Che retã/ Minha Terra”, no qual o narrador descreve a sua terra natal, a aldeia transfronteiriça, iniciando a narração:

Bella Vista, Paraguai. Pequena cidade do norte do país, perdida no meio do luxuriante cerrado, às margens do rio Apa. ‘*O Apa, cor de folha, mostra seus seixos rolados no fundo. Verdadeiro e formoso, como Taunay o tratou*’ – registra o letrado e andarilho escritor mineiro Guimarães Rosa. Diz o ditado que o Apa é feiticeiro, e quem lhe bebe das águas nunca mais esquece os requebros das paraguaias ao som das polcas e o churrasco gordo nas estâncias, e sempre voltará para matar a saudade. (IBANHES, 2010, p. 21. Grifos do autor).

Assim, a “Bella Vista paraguaia” vai se descrevendo: “Poucas casas, poucos habitantes. As moradas, na sua grande maioria, de taipa, cobertas com *capí í san-juan* (capim sapé). Os macilhos de capim, apregados com barro vermelho e sobrepostos uns aos outros, formam uma fresca cobertura contra o calor.”, (p. 21) ao passo que a mesma região se circunscreve como comunidade intercultural, fronteiriça – ainda segundo o narrador:

Falava-se nas ruas o guarani, tão doce e onomatopaica, língua nativa do Paraguai e de grande parte do Brasil. Estudava-se a língua espanhola nas escolas, uma das freiras e outra pública, esta chamada *Caravosá* (arapuã). Num pé de paraíso, ao lado do prédio da escola, havia um enorme ninho preto desse bichinho que soe grudar nos cabelos dos incautos. (IBANHES, 2010, p. 23).

De um modo geral, e a nosso ver, como um todo, o livro *Chão do Apa – contos e memórias da fronteira* permite usufruir uma das raras satisfações de leitura, dentre as narrativas que hoje nos interessam como pesquisador de literatura sul-mato-grossense. É o próprio Brígido Ibanhes quem comenta este livro:

A fronteira como minha pátria e lugar lúdico da minha infância. *Chão do Apa* abrange tanto o território paraguaio como o brasileiro, numa sintonia, muitas vezes, a que só o fronteiriço é capaz de se adaptar. Tradições, linguajar, tudo reforça para que essa região seja singular, e que se perceba que a fronteira delimitada pelo rio, está apenas nos mapas; ela não existe em nosso sangue, muito menos em nossas emoções. Quem não gosta de uma sopa paraguaia e de arrastar o pé ao som da Mercedesita? Uma homenagem, a que jamais eu poderia me furtar, ao meu torrão natal. Através de contos e estórias revelo toda a força da cultura fronteiriça, de antigamente.<sup>17</sup>

Com efeito, Brígido Ibanhes já vem de uma produção literária de grande fôlego, seguindo as trilhas da fronteira Brasil-Paraguai desde o seu primeiro romance bem cultivado, *Silvino Jacques*, no qual já caracterizava um constructo peculiar das literaturas de fronteiras e do Cone-Sul em particular. Como sublinha o autor:

[...] eu não queria um livro qualquer, mas um livro que fosse o retrato da região sudoeste do antigo Mato Grosso; registrasse o costume da época, as lendas da fronteira, a violência gerada pelos coronéis na luta pelo domínio das terras, mas, principalmente, o linguajar aguaranizado, típico do mestiço da fronteira [...]. Através das polcas paraguaias, da chipa, do puchero, do loco, do tererê, do tório candil, etc, o Paraguai carimbou suas tradições no Estado. Em várias cidades, inclusive na Capital, Campo Grande, temos colônias paraguaias, organizadas em associações. Essa penetração paraguaia se perde nas brumas do passado, anterior à Grande Guerra. A influência boliviana é mais recente e mais discreta, mas ela existe. É comum, nas praças públicas, das nossas cidades, se ouvir a flauta andina tocando músicas de inspiração espiritual, como era a visão da existência mística dos povos das altas montanhas. A ocupação de grandes áreas pelos imigrantes sulistas, nordestinos, mineiros e paulistas, agregou também valores culturais ao universo onde anteriormente só se ouvia o “jeroky” (dança) e o “ñembo’ê” (reza) ritualísticos. À taquara “*takuapî*” sagrada, com cadência, batida no chão seco, enquanto mantras são pronunciados em voz grave ao chacoalhar do “*mbaraká*”, se contrapôs a batida dura da bota, o tilintar das esporas, na dança das lanças dos gaúchos. De Minas, a Folia dos Reis. São Paulo, a Festa do Divino. Do nordeste, o forró e a carne de sol. Os centros de tradições, tanto gaúchos como nordestinos, reforçam os laços com o Estado de origem, ao mesmo tempo em que, neste Estado, se implantam idiosincrasias regionalistas.<sup>18</sup>

Ao remarcar características próprias na obra de Ibanhes, especialmente em *Che Ru – O pequeno brasiguai, a integração de um povo*, e assinalando a presença etnorracial do povo, *españoles, mestizos, criollos e indios*, a pesquisadora Márcia

Sprandel (1993) registrou relevante reflexão de antropologia social, em que destaca, sobre o título de Ibanhes (*Che Ru*), a apresentação intitulada “Como é bom ser brasiguaiou”, do escritor Elpídio Reis, em luminosa passagem:

Os brasiguaios são em geral, mais felizes que os filhos de outras regiões. Em primeiro lugar porque são de saída, internacionais... (...) É só atravessar a rua em Ponta Porã e já se está no Paraguai, ou no Brasil. (...) em segundo lugar porque os brasiguaios têm orgulho de dizer que nasceram numa fronteira onde os dois povos não têm consciência de que vivem em países diferentes. Para eles – fronteiriços – as duas nações são como se fossem uma só. (...) Os brasiguaios autênticos têm, pois, dupla razão para uma felicidade mais ampla. São duplamente felizes. Têm duas casas, duas pátrias. (*apud* SPRANDEL, 1993, p. 82).

Escritor sul-mato-grossense, Brígido Ibanhes nasceu na fronteira corrutela paraguaia Bella Vista – hoje Bella Vista Norte (Paraguay) –, cidade às margens do Rio Apa que a separa de Bela Vista (MS, Brasil)<sup>19</sup>, cuja história e cultura brotam em um chão fertilizado pelas tropas da Grande Guerra, transmutando em vozes explícitas ou inconscientes, seja em presentificação naquele título e coletânea *per se*, seja na grande maioria de suas narrativas, ilustrando densa e significativa narração em que o escritor reaviva elos de intermediação de um *locus* de pertencimento com as histórias locais, num entrecho de lirismo e epos que o consagraram como escritor vivamente destacado dentre os demais da literatura sul-mato-grossense. Nascido em território paraguaio, na Rua Jatayty-Corá (Bella Vista Norte-PY), em 8 de outubro de 1947, o autor de *Silvino Jacques: O último dos bandoleiros*<sup>20</sup> recebeu como nome de batismo Brígido Rafael Ibanhes, referência jamais encontrada em sinopses de sua obra e carreira artística, tendo se “constituído” como *persona* social, cidadão brasileiro e reconhecido como escritor pelo reduzido nome de Brígido Ibanhes. Fato que, por si só, aliado ao local de seu nascimento, insurge-se como produtiva metonímia da vida e da literatura do escritor. Desta perspectiva, torna-se natural evocar aspectos mais relevantes da bio/bibliografia do escritor: filho de Aniceto Ibanhes e Affonsa Christaldo de Ibanhes, brasileiros que se refugiaram no país vizinho por conta da perseguição do bandoleiro Silvino Jacques, personagem mítico-lendária que se tornaria protagonista e *vate* heróico em narrativa de título homônimo, Brígido conta com orgulho que, dois meses antes do seu nascimento, Guimarães Rosa esteve a passeio nas imediações de sua casa, e deixou suas impressões sobre a pequena cidade paraguaia e, posteriormente, no próprio Brígido. Registrado em Bela Vista, Brasil, passou a estudar a partir do segundo ano primário, aos dez anos ingressou no Seminário Redentorista, em Ponta Grossa-PR, onde teve acesso à literatura clássica nacional e internacional. Além do guarani, espanhol

e português, aprendeu o inglês, o francês, o latim, o grego e teve noções de italiano. Aos doze anos ganhou seu primeiro concurso literário com o poema “Noite Cigana”. Em decorrência da publicação de *Silvino Jacques*, o escritor vivenciou vários constrangimentos, foi ameaçado de morte e teve o livro apreendido; daí passou a ser protegido pelo *Pen Club Internacional*, em 1992, durante o 58º Congresso Internacional de Escritores, em que seu nome fora adotado por aquela instituição ligada à ONU, na cidade do Rio de Janeiro. A narrativa literária *Silvino Jacques* é obra que se encontra mais uma vez no prelo, encaminhando-se para a sétima edição, portanto, a mais divulgada senão a “mais comercializada” das obras literárias do autor e dentre as da literatura sul-mato-grossense. Trata-se de narrativa cuja natureza demonstra características híbridas e de confluências de gêneros variados, de diversificadas formas e origens, embaralhando, por assim dizer, gêneros, misto de relato histórico e prosa poética e/ou ficcional, ou, ainda, de outro modo gênero híbrido entre narrativa factual e narrativa ficcional<sup>21</sup>. A nosso ver, *Silvino Jacques* constitui fonte de prazerosa e intensiva prática de leituras, o que pode ser percebido principalmente pelas suas reedições, somando o fato de a obra e seu próprio autor virem recebendo homenagens e reconhecimentos públicos e acadêmicos, além do já referenciado. Enfim, releva sublinhar que *Silvino Jacques* é marcada por um arrojado projeto arquitetônico, cuja matriz artístico-literária apóia-se sobre um enredo de complexa elaboração textual, permitindo problematizar, além das relações entre literaturas de fronteiras *grosso modo*, também, a pulsante camada de significações envoltas num “contexto” de elevada extração dos aspectos da narrativa propriamente dita, por um lado, e do trecho de sua narração *versus* diegese, por outro lado.

De um modo geral, é no aspecto da narração que mais se evidencia a criatividade textual de Ibanhes, sobretudo no agenciamento de estratégias textuais propulsoras de um enredo rico e diversificado, pulverizador dos gêneros literários, em cujo trecho alternam-se supostos depoimentos, imagens e iconografias de cenários fronteiriços, lirismo e drama resultantes de um sujeito da escrita multifacetado, que não se inibe nas projeções de suas próprias vivências e testemunhos. Trata-se, ainda, de ostensiva presença de um narrador-protagonista, que se traveste no relato-depoimento do próprio autor, recurso fundamental no projeto de tornar verossímil a narrativa épica do bandoleiro Silvino Jacques. Ou seja, a obra como um todo se mostra emblemática na apropriação e absorção de estilos e gêneros os mais diversos, o que tem gerado confusões e desafios aos estudiosos e críticos da obra do escritor, na difícil tarefa de escrutinar a natureza polimorfa de seus textos, frequentemente desafiados por um elaborado e de todo particular *modus operandi* da arte de escrever.

Conseqüentemente, disto resulta talvez a crescente fortuna crítica acerca

da obra de Brígido Ibanhes, que já conta com representativas pesquisas e estudos acadêmicos, além de integrar conteúdos programáticos do ensino de literatura em salas de aulas, e requerida em leituras de concursos vestibulares. Pelo conjunto de sua obra, e pela defesa intransigente à liberdade de expressão, a Federação das Academias de Letras e Artes do Mato Grosso do Sul já indicou o nome deste escritor para o prêmio Nobel de Literatura. Empregou empenhadamente as letras em defesa da cidadania, das minorias e dos direitos humanos, o que lhe valeu dissabores e perseguições. Sua literatura retrata o universo da fronteira, o cheiro das matas e a força da cultura guarani, bem como expõe os dilemas sociais e a história dos oprimidos. Por conseguinte, pode-se dizer também que constitui mais um desafio a formulação de uma resenha crítica sobre a longa trajetória de Brígido Ibanhes<sup>22</sup>

Também na crítica literária, há que registrar representativa produção ensaística, alicerçando a trajetória e o perfil do intelectual. Alguns destes ensaios são referências não só complementares ou subsidiárias à compreensão do universo de discurso do escritor, mas também revelam o “verbo encarnado” do artista da palavra e seu compromisso e completa devoção à explicação sobre a relação entre literatura, história e sociedade, e enfaticamente sobre o papel do escritor como intelectual contemporâneo. Assim, são indispensáveis os títulos: “Meu Adeus a um Matador”, “Literatura Sul-mato-grossense – O Estado das Fronteiras”, bem como o mais recente dentre esses, “Elo entre culturas e tradições híbridas da fronteira”, publicado na coletânea de ensaios de escritores e críticos sul-mato-grossenses: *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores*.

À guisa de ilustração, o ensaio “Meu Adeus a um Matador” (2000), preparado para palestra, revela não só uma finalidade específica, de esmerada dicção ensaística, mas também faz finca-pé na estreita inter-relação entre textos ensaísticos, de natureza acadêmica e reflexiva, e os textos de prosa literária, como se lê no aludido ensaio. Assim, sob um viés particular, o ensaio integra uma coletânea crítica, portanto, raramente conhecido em relação à variada produção literária de Brígido Ibanhes. Visível é a interdiscursividade nesses distintos textos; tanto é assim que, já na abertura desse ensaio, o escritor assume a voz autoral e de testemunho acerca da história da personagem-protagonista, já constituída como herói. Que, no caso, trata-se de um herói-bandoleiro marcando o tom que, a nosso ver, se reveste da maior significação para o universo “novelesco” da saga que se desenrola no romance *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros*, segundo o testemunho do próprio Ibanhes, em palavras iniciais àquele ensaio, as quais também trazemos à guisa de considerações finais à nossa própria exposição:

Esta história eu mantinha guardada a sete chaves para uma ocasião especial, e ela surgiu quando o Professor Dr. Paulo Nolasco, conhecedor do meu estilo, me convidou para participar da Semana de Literatura promovida pelo Centro Universitário de Dourados. No convite ficou claro que a matéria deveria abranger a cultura do Mato Grosso do Sul, seus costumes e tradições. Nada mais enraizado na história e cultura do nosso Estado que a figura do 'matador'. (IBANHES, 2000, p. 175).

## NOTAS

- <sup>1</sup> Prof. Dr. Titular de Literatura na UFGD; Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq.
- <sup>2</sup> Cf. OLIVEIRA Jr. (2015). No cipoal da selva: relatos dos ervais e dos seringais em Selva Trágica e A Selva, e SOARES Jr.(2016). O drama dos ervais em Selva Trágica de Hernâni Donato.
- <sup>3</sup> Cf. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. Atlas das representações literárias de regiões brasileiras. V. 3. Sertões brasileiros II. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.
- <sup>4</sup> A atribuição e caracterização do status de cidades-gêmeas a sete cidades do nosso estado, integrando a relação dentre as vinte e nove de todas as cidades brasileiras, (Bela Vista, Coronel Sapucaia, Corumbá, Porto Murtinho, Paranhos, Mundo Novo, Ponta Porã), constitui fato que não deve ser menosprezado. Para além do que o fato já representa, per se, a definição conceitual de cidades-gêmeas com seus critérios de classificação se justificaria, segundo aquela Portaria, em razão das “crescentes demandas pelos municípios de políticas públicas específicas para estas cidades” e pela importância para a integração fronteiriça e sul-americana. Daí, releva a leitura do texto legal no aspecto da caracterização e/ou definição dessas cidades espaços: são considerados cidades-gêmeas “[...] os municípios cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho, assim como manifestações ‘condensadas’ dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania.” Cf. Portaria nº 213, de 19 de julho de 2016: aqui referenciada a partir de matéria do Jornal Diário MS, Dourados, 22/07/2016, p. 4.
- <sup>5</sup> No próximo subitem procuramos demonstrar a caracterização artística através de traços periféricos, incluindo a paratextualidade, entranhados no ato criador de ambos os escritores, particularmente em suas narrativas atravessadas pelo simbolismo da fronteira: Selva trágica e Silvino Jacques: o último dos bandoleiros, respectivamente.
- <sup>6</sup> O trabalho de levantamento dessas narrativas foi consistentemente realizado no sul do Brasil, especialmente com as obras da pesquisadora Marilene Weinhardt, em Ficção histórica e regionalismo, de 2004, e “Outros palimpsestos: ficção e história”, de 2011a.
- <sup>7</sup> Dentre as mais pertinentes discussões acerca da teoria da intertextualidade como operacionalização teórica e de formidável produtividade na prática comparatista, o conceito formulado por Gerard Prince ganha relevo ao enfatizar que: “ ‘L’intertextualité’ signifie les relations entre un texte donné et d’autres qu’il cite, re-écrit, absorbe, prolonge et en général transforme afin de devenir intelligible” (Cf. PRINCE, 1987, p. 46).
- <sup>8</sup> Cf. ainda neste sentido, em ampliação da discussão, o texto de Weinhardt (2004) e também (2011a; 2011b).

- <sup>9</sup> Assim, em início, como em exergo e em caixa alta, seguida por dois pontos (indicando sua continuidade), a epígrafe do Autor abrirá espaço, em separado, para as demais epígrafes que constituem o prólogo ( Cf. Selva trágica, p. 7 e 8).
- <sup>10</sup> [sic]. Em itálico no original, e já acoplando dois versos, em citação, que seriam atribuídos ao poeta Manuel Bandeira.
- <sup>11</sup> Cf. epígrafe de Antônio Bacilla citada à página anterior.
- <sup>12</sup> “...despojados de sus tierras, pobladas de una rara yerba, de la que obtenía una bebida sustanciosa muy solicitada ya por los españoles conquistadores, obligando a los indigenas a transportala a costillas muchas leguas, de tierra adentro, por caminos intransitables, tratados con la mayor tirania...” (Carta de Hernandarias ao rei da Espanha.)
- <sup>13</sup> “...estaba buscando escaparme porque nos hacían vagar desde que aclaraba hasta l’anoecer entre malezales y caraguatás buscando yerba silvestre sin dejarnos volver al acampamento si no traímos varias arrobos bien quebradas y sapecadas y nos tenían a cintarazo limpio; [...]; y había que atravesar el desierto Resurrección que no conocíamos y por ahí nos perdimos n’el monte y teníamos un bruto miedo; y ya’tábamos desiendo que nos alcanzara la Comisión y así cuedió porque de pronto nos alcanzaron y nos apuntaron con la’arma diciendo “Entreguensen” y nos entregamos y nos mataron de casualidá porque dijeron “hoy no es dia de morir” y nos llevaron de vuleta a l’administración y el administrador Segismundo Gallardo tenía el cinto lleno e’ballas y un tremendo cuchilo metido en la bota y...” (Depoimento do mineiro aconchavado Antônio Cardozo, fugitivo dos ervais.)
- <sup>14</sup> “...Los departamentos de yerbales Igatimi, San Estanislao, se han convertido em cementerios. Treinta años de exploración han exterminado la virilidad paraguaya entre el Tebicuary Sud y el Paraná. Tacurupucú ha sido despoblado ocho veces por la Industrial. Casi todos los peones que han trabajado en el Alto Paraná de 1890 a 1900 han muerto. De 330 hombres sacados de Villarica em 1900 para los yerbales de Tormenta en el Brasil, no volvieran más que 20.” (Depoimento de Rafael Barret.) Barret é um dos mais importantes nomes das letras paraguaias nas primeiras décadas do século XX. Cf. Rafael Barret – Escritor y pensador revolucionário (2011), de Miguel Ángel Fernández, publicado pela coleção “protagonistas de la história”.
- <sup>15</sup> Em recente palestra, “Regionalismo e ficção histórica na literatura sul-mato-grossense”, pudemos fazer a exposição dos desenhos e arte de todas as capas das diferentes edições de Selva trágica, bem como da retomada ou exclusão de elementos paratextuais, inclusive contracapas, prefácios e posfácios, entre outros, que redundam no processo de leitura e atribuição de sentidos da narrativa de Donato. Cf. FLID-Festival Literário Internacional de Dourados/ Erva-Mate e sua influência nos povos e suas culturas. Academia Douradense de Letras. Dourados;MS, 28/04/2017.
- <sup>16</sup> Destacada assim, em especial folha de rosto, na edição de 2011, esta epígrafe rearticulada de outras passagens, recupera ressignificações e especial poder de “efeito de real, de leitura”, que tinha já se obliterado nas reedições anteriores.
- <sup>17</sup> Disponível em: < [http://www.douradosinforma.com.br/entrevistas.php?id\\_ent=194](http://www.douradosinforma.com.br/entrevistas.php?id_ent=194)>. Acesso em: 10 junho 2017.
- <sup>18</sup> Disponível em < [http://www.douradosinforma.com.br/entrevistas.php?id\\_ent=194](http://www.douradosinforma.com.br/entrevistas.php?id_ent=194)>. Acesso em: 23 junho 2017.
- <sup>19</sup> O escritor foi registrado em Nunca-Te-Vi, Distrito de Bela Vista (MS), pois assim era o costume com os filhos de famílias brasileiras nascidos no Paraguai.

- <sup>20</sup> Primeiro livro publicado, Silvino Jacques: O último dos bandoleiros foi lançado em 1986, na cidade de Sidrolândia – MS.
- <sup>21</sup> Assim, em sintonia com a vertente da ficção histórica, remetemos para ensaio “Narrativa ficcional/Narrativa factual: anotações sobre fronteiras discursivas”, do comparatista Rildo Cosson (2001).
- <sup>22</sup> No rol de suas produções, Ibanhes publicou Che Ru, o pequeno brasiguaió, a integração de um povo (memórias da infância do autor); em seguida A Morada do Arco-Iris: o maior tesouro das Américas, (trata da experiência de Ibanhes em uma pesquisa antropológica, partindo de um pergaminho jesuítico, e que contém o relato sobre a descoberta de uma cidadela toda feita em pedras talhadas, quando observou estranhos fenômenos paranormais e ufológicos); logo após Kyvy Mirim: a lenda do pé de tarumã e do Pombro (lenda da Mitologia Guarani), seguido de Ética na Política: entre o sonho e a realidade (primórdios, fundação e atividades do Movimento de Moralização e Ética no Trato da Coisa Pública – METRA), e o romance Martí, sem a luz do teu olhar (este também com marcada presença do biográfico). Sobre este último, destacam-se características singulares, uma vez que se trata de obra que escava profundamente a condição de marginalidade e de fatalidade das ruas e periferias da cidade [de Dourados]. Em tudo e por tudo, Martí dramatiza o banal e a trivialidade, a pobreza e a violência física ou simbólica que cresce com os ajuntamentos urbanos; uma característica singular deste livro diz respeito à natureza semovente da narrativa, resistente aos rótulos e gêneros textuais como convencionalmente se explicavam os textos literários, recolocando assim, grossíssimo modo, o traço mais visível e marcante do ato criador de Brígido Ibanhes.

## REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. Literatura Comparada Latino-Americana: um espaço transterritorial e plurilinguístico. In: Rebello, Lucia Sá; Schneider, Liane (org.). **Construções literárias e discursivas da modernidade**. Porto Alegre: Editora Nova Prova, 2008, p. 9-14.
- CARVALHAL, Tania Franco. Comunidades Inter-Literárias e Relações entre Literaturas de Fronteira. In: Antelo, Raúl (org.). **Identidade e Representação**. Programa de Pós-Graduação em Letras. UFSC. Florianópolis, 1994, p. 93-102.
- \_\_\_\_\_. A tradição discursiva na América Latina e a prática comparatista. In: BITTENCOURT, Gilda (org.). **Literatura comparada**: teoria e prática. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 1996, p. 198-207.
- COSSON, Rildo. Narrativa ficcional/Narrativa factual: anotações sobre fronteiras discursivas. In: SANTOS, Paulo Sergio N. dos. **Literatura comparada**: Interfaces e transições. Campo Grande: Editora UFMS; Editora UCDB, 2001, p. 21-28.
- DONATO, Hernâni. **Selva trágica**. Taubaté- SP: Editora Letra.Selvagem, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Selva trágica**: a gesta ervateira no sulestematogrossense. São Paulo: Autores Reunidos, 1959.

ESTEVES, Antonio R. Literatura e História: interfaces. In: **Revista Miscelânea**. Assis; SP, v. 13, n. 1, jan./jun. 2013, p. 7-15.

FERNÁNDEZ, Miguel Ángel. **Rafael Barrett**: escritor y pensador revolucionario. Assunción – Paraguay: Ed. El Lector, 2011.

HELLER, Agnes. A consciência cotidiana como fundamento da historiografia e da filosofia da história, 1993, p. 72. In: WEINHARDT, Marilene. **Ficção histórica e regionalismo**. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.

IBANHES, Brígido. **Silvino Jacques**: O último dos bandoleiros. Dourados: Gráfica Marindress, 2012.

\_\_\_\_\_. Meu adeus a um matador. In: Nolasco, Paulo Sérgio. (org.). **Ciclos de literatura comparada**. Campo Grande: Editora UFMS, 2000, p. 175-186.

\_\_\_\_\_. “Che retã”. In: \_\_\_\_\_. **Chão do Apa**: contos e memórias da fronteira. Dourados: Editora Dinâmica, 2010. p. 21-26.

\_\_\_\_\_. Elo entre culturas e tradições híbridas da fronteira. In: ROSA, Maria da Gloria Sá;

NOGUEIRA, Albana Xavier. (org.). **A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus escritores**. Campo Grande: Life Editora; Fundação de Cultura do Estado de Mato Grosso do Sul, 2011, p. 79-106.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras**. V. 3. Sertões brasileiros II. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

**JORNAL Diário MS**, Dourados, 22/07/2016, p. 4.

LIMA, Asturio Montiero de. **Mato Grosso de outros tempos**: pioneiros e heróis. São Paulo: Editora Soma Ltda, 1991.

OLIVEIRA Jr., Josué Ferreira de. **No cipóal a selva**: Relatos dos ervais e dos seringais em *Selva trágica e A selva*. 2014. 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2014.

PRINCE, Gerard. **A dictionary of narratology**. London: Press, 1987, p. 46

SARLO, Beatriz. **Borges**: un escritor en las orillas. Madrid: Siglo Veintiuno, 2007.

SELVA TRÁGICA. Direção: Roberto Farias. Rio de Janeiro: Líder Cinematográfica, 1963, 101 min., son., p&b., Português. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=haXEIfEnjUg>>. Acesso em: 1 Jun. 2015.

SELVINO JACQUES: **A saga de um bandoleiro**. Filme. Direção: Hamilton Medeiros. Produção: Pepe Faviere. Roteiro: Maranhão Viegas. Trilha sonora: Marcos Romera e Claudio Abuchain. Fotografia: Márcio Padilha. Apresentação: Celso Lagos.

**Estúdio de áudio: MASTER CASE / Campo Grande e ESTUDIO ANGELS/São Paulo, 2006. 1 DVD (34min), widescreen, color. Montagem e finalização: Dênio Vilanova. Documentário baseado na vida de Silvino Jacques.**

SANTOS, Paulo Sergio Nolasco dos. **Fronteiras do Local**: Roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense. Campo Grande: Editora UFMS, 2008.

SANTOS, Paulo S. Nolasco dos. Silvino Jacques: Literatura entre fronteiras reais e imaginadas. In: **Revista Ilha do Desterro**. New perspectives to history through literature. Florianópolis-SC: Editora da UFSC, n.59, Jul. / Dez. 2010, p. 211-232.

SEREJO, Hélio. **Sismório**: o gringo bochinheiro e bandido. Tupã: Gráfica editora Cingral, 1991.

\_\_\_\_\_. **Obras completas de Hélio Serejo**. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: IHGMS/Editora Gibim, 2008, 9 volumes.

SOARES Jr., Avelino Ribeiro. **O drama dos ervais em *Selva Trágica*, de Hernâni Donato**. 2016. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados, 2016.

SPRANDEL, Marcia Anita. Fronteiriços e brasiguaios na história do Mato Grosso do Sul. In: **Revista Arca**. nº 4, 1993. Campo Grande: Datagraf Estúdio Gráfico Ltda.

SUASSUNA, Ariano. **A pedra do reino**. São Paulo: Editora Círculo do livro, s/d., 642p.

WEINHARDT, Marilene. **Ficção histórica e regionalismo**. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.

\_\_\_\_\_. Outros palimpsestos: ficção e história – 2001-2010. In: OURIQUE, João Luis P.; CUNHA, João Manuel dos Santos; NEUMANN, Gerson Roberto. (org.). **Literatura**: crítica comparada. Pelotas: Editora da UFPPEL, 2011a, p. 31-55.

\_\_\_\_\_. (org.). **Ficção histórica**: teoria e crítica. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011b.